

Rubem M. Amorese, *Meta-História – A História Por Trás da História da Salvação. Soberania de Deus e Liberdade Humana* (São Paulo: Abba Press, 1994) 151 pp.

O pensador e escritor evangélico Rubem M. Amorese é identificado na contracapa do livro como presbítero da Igreja Presbiteriana do Planalto, em Brasília, professor da disciplina "Igreja e Sociedade" na curso de mestrado da Faculdade Batista de Brasília, e assessor legislativo no Senado Federal. É também secretário de ética da AEVB e membro da Fraternidade Teológica.

Na **Introdução**, Amorese observa que a nossa leitura da Bíblia tende a ser seletiva e condicionada por vários fatores. As passagens problemáticas costumam ser relegadas ao "arquivo teológico" de Dt 29:29a: "as coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus..." Com isso, a Bíblia passa a ter "cantos escuros" e "armários embolorados," águas profundas onde é melhor não se arriscar (p. 20). Contribuem para isso os condicionamentos doutrinários e denominacionais, o comodismo, o receio de heresias e o apego à tradição. O autor convida os leitores à ousadia e ao uso da "imaginação teológica," contanto que associada a uma boa hermenêutica e firmemente comprometida com a autoridade das Escrituras.

Amorese pretende trabalhar alguns textos que podem elucidar áreas obscuras das Escrituras, textos que ele denomina "janelas de revelação" ou "janelas explicativas." Tais textos, por vezes vazados em linguagem alegórica, explicam e esclarecem outros textos e realidades já reveladas. Esses textos usam uma meta-linguagem para falar de uma meta-realidade. São textos que não tratam diretamente da história da salvação, mas que procuram explicá-la — uma meta-história, para além do tempo, do espaço e da matéria (p. 24).

A **primeira parte** do livro, composta de três capítulos, analisa três dessas "janelas de revelação." O primeiro texto é Apocalipse 11.19-12.18, que trata de um conflito cósmico verificado na eternidade entre os exércitos de Deus e as hostes de Satanás. O autor recorre ao filme "O Exterminador do Futuro" para esclarecer a tentativa de Satanás no sentido de vencer a Jesus matando o seu "pai" Adão. Ele conclui que todos nós somos protagonistas desse conflito cósmico. A segunda passagem ou janela de revelação procura elucidar a participação dos cristãos nesse conflito, especialmente através do seu testemunho. Trata-se da experiência de Jó (1:1-22), que Amorese relaciona com Ap 12:11b e Ef 3:10-11. A história de Jó é uma "janela dimensional" porque permite ver o que realmente está em jogo no seu sofrimento: a luta cósmica entre Satanás e Deus. "Se Jó blasfemasse diante da dor, Satanás veria confirmado o seu argumento: 'o que fiz foi natural; qualquer criatura faria o mesmo; por isso, não tenho culpa'" (p. 58). Jó representa os seres humanos, os crentes, e o próprio Cristo.

Amorese entende que Satanás lançou um desafio a Deus que implicaria na encarnação do Filho de Deus e um embate entre ambos, Satanás e o Filho na condição de criatura. Quem vencesse, levaria tudo. Satanás precisava, portanto, localizar o Filho e destruí-lo, fazendo-o reproduzir o seu pecado: a cisão, a independência, a soberba, assim como tentou sem êxito fazer com Jó. Sai, então, à procura dos sinais do Filho, dos sinais de Jó, entre os homens, na esperança de encontrar seu aqui-rival. Abel, Noé, Abraão, Moisés, Davi eram apenas testemunhas do Cordeiro.

O terceiro texto abordado, Mateus 27:33-56, mostra o embate decisivo entre Satanás e o

Filho de Deus. Esse embate havia se iniciado no deserto, após o batismo, quando Satanás tentou em vão produzir cisão, separação entre o Filho e o Pai. A tentação de Jesus foi literal, verdadeira – só assim a sua atitude serve de exemplo para os cristãos. Chegando o momento decisivo, o Inimigo desfecha um ataque maciço e frontal, tentando derrotar o Filho através do sofrimento profundo: traição, rejeição, cansaço, abandono e solidão, tentação à revolta e ódio, intenso sofrimento físico, mental e emocional que inclui o peso de todas as dores morais do mundo, e, finalmente, o golpe mais severo, ver-se totalmente abandonado pelo Pai. Repete-se a situação de Jó: "Amaldiçoa a Deus e morre!" Mas o Filho recusa-se a ceder e com isto sela a derrota de Satanás.

A **segunda parte** do livro, composta de cinco capítulos breves, procura explorar as implicações dos temas abordados na primeira parte para a vida dos cristãos atuais. O capítulo inicial é uma análise de Lucas 22:31-32, que fala da intenção de Satanás de "peneirar" Pedro, mostrando ser esta a experiência de todo crente. No capítulo seguinte, "O Soldado 26," o autor lembra um filme que assistiu, no qual jovens soldados se imolam em obediência ao seu comandante, fato esse que ele associa à figura de Jó. O próximo capítulo trata da guerra espiritual em que o cristão está envolvido segundo Efésios 6:10-18. Essa luta deve ser entendida à luz do contexto da epístola, o plano divino de constituir uma nova sociedade, a igreja, o corpo de Cristo, e a tentativa satânica de destruir essa sociedade.

O capítulo seguinte continua a abordar a "guerra espiritual," desta vez na área dos desafios éticos enfrentados pelos cristãos contemporâneos. Utilizando a figura do detergente, o autor critica a aceitação crescente, por parte dos crentes, de realidades internas e externas que deveriam causar indignação e repulsa. O último capítulo, "A Ovelha-Leão," analisa o paradoxo de Romanos 8:35-39 entre "fomos considerados como ovelhas para o matadouro" (a perspectiva do mundo) e "somos mais que vencedores," a nossa verdadeira identidade. O livro termina com uma breve reflexão sobre Maria Madalena na manhã da ressurreição e uma rápida conclusão.

Meta-História aborda de maneira lúcida, criativa e atraente alguns temas doutrinários e práticos altamente relevantes para a igreja contemporânea. A história da redenção é vista à luz do magno conflito entre o bem e o mal, as forças de Deus e as hostes do Maligno. A derrota de Satanás é assegurada pela obra de Cristo e pelo testemunho dos cristãos. Nessa violenta guerra espiritual e cósmica, a submissão e obediência do Cordeiro e da Igreja, prefigurados por Jó, é que dão o golpe decisivo no esquema satânico.

A primeira parte é mais rica e elaborada. A segunda é um tanto desconexa – não há uma progressão clara de um capítulo para o outro –, mas destaca-se por sua postura ética radical e pelas críticas e desafios muito necessários dirigidos à igreja evangélica brasileira (pp. 68, 120, 127-32, 138-40). Contra o triunfalismo fácil da teologia da prosperidade e do movimento de batalha espiritual (pp. 43, 107s, 139), o autor destaca acertadamente que a verdadeira guerra contra o inimigo é uma guerra de caráter, de integridade de vida, de coerência cristã, de rendição à vontade de Deus em todas as coisas, à semelhança de Cristo e das suas testemunhas fiéis de todas as épocas.

Em certos pontos o livro apresenta alguns problemas. A relação entre a soberania de Deus e a liberdade humana, anunciada no sub-título, não é tratada de modo explícito. O autor mostra a sua hesitação quanto a esse tema na nota 27, à página 58. Amorese parece nutrir simpatias pela antiga teoria patrística da expiação, a teoria do resgate (p. 59), segundo a qual Satanás teria exigido o sangue de Cristo como resgate do ser humano que havia caído sob seu domínio. Por outro lado, a ênfase em Cristo como uma criação ou

criatura de Deus (pp. 77, 118) lembra algumas posições heterodoxas do cristianismo antigo. Finalmente, a imaginação teológica do autor por vezes o leva a vãos interpretativos excessivamente ousados, como ao insistir no suposto complexo de inferioridade estética nutrido por Jesus desde a sua infância (pp. 90s). No cômputo geral, todavia, essa é uma obra de grande valor para os que desejam refletir novamente sobre os fundamentos da fé e suas implicações para o testemunho cristão na sociedade.

— *Alder S. Matos*